

DIÁLOGOS E SUAS INTERFACES

O diálogo como unidade mínima de comunicação sempre foi identificado como uma atividade corriqueira, estabelecida pelo contato entre dois ou mais indivíduos que visa à aproximação e à troca de informações. Contudo, o valor da atividade dialógica passa a ser enriquecido pelos múltiplos olhares e teorias que a ela se voltam para analisar e discutir as suas propriedades comunicativas, cognitivas e estruturais, linguísticas. É sobre esse tema que esta edição do dossiê de Linguística versa: os textos selecionados tratam do diálogo e de interfaces possíveis entre diferentes perspectivas.

Os quatro primeiros textos descrevem e discutem, cada qual observando objetos de análise diferentes, a Teoria do Diálogo, de Costa (2010). Em “A informalidade da linguagem virtual-interativa”, Stéphane Dias e Jorge Campos da Costa apresentam uma proposta baseada na Metateoria das Interfaces (Costa, 2007), a partir da qual as relações delineadas apresentam uma perspectiva construída sobre o objeto de estudo, o Virtuólogo (Costa, 2010). Nesse texto, os autores descrevem as propriedades comunicativo-cognitivas de uma linguagem-tipo, de um diálogo-tipo e de um falante-tipo que fazem uso da web 2.0, tomando como argumento modelos de comunicação como os de Grice (1975), Sperber e Wilson (1995) e McLuhan (1964). Já Claudia Strey trata da relação entre o processo inferencial e a recuperação de intenções e de emoções com base na Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1995) e da Teoria do Diálogo, de Campos (2010). Para tanto, o texto “Emoções em comunicação: intenção ou relevância?” reflete sobre esses temas a partir de uma perspectiva de interfaces. Em “Diálogos sobre grandes efeitos”, Daisy Pail tem por objetivo ilustrar, por meio de um diálogo simulado, uma interface entre teorias que levam em conta modelos inferenciais para a comunicação, como as propostas em Grice (1975), Levinson (2000), e Sperber e Wilson (1995), além de tratar do diálogo em seus diferentes níveis, conforme Costa (2010). Jessica Colvara Chacon propõe uma aplicação da Teoria do Diálogo, de Costa (2010) à atividade de interpretação em Livros Didáticos de Língua Portuguesa. Em “Teoria do Diálogo: uma contribuição para a atividade didática”, a autora discute como os conteúdos dessas obras são explorados, avaliando a presença de textos de gêneros variados e considerando o importante papel do diálogo na tarefa de leitura.

Maurício Fernandes Neves Benfatti, Aristeu Mazuroski Jr. e Elena Godói discutem, em “Cultura musical e comportamento dialógico: uma abordagem cognitivista para a interação via linguagem musical”, o valor do diálogo como conversação e o papel das estruturas musicais como instrumento de comunicação. Os autores debatem as implicações de interações dialógicas para o desenvolvimento humano, argumentando que a capacidade metarrepresentativa da manifestação musical não se restringe somente à musicalidade e ao pensamento relacionado a essa propriedade, mas à habilidade humana de elaborar crenças acerca dessas manifestações.

O texto que segue, de Fábio Aresi, investiga o processo de aquisição da linguagem a partir da Enunciação. Como o título “A constituição da significação na língua pela criança: uma abordagem enunciativa em Aquisição da Linguagem” o autor expõe os princípios da teoria enunciativa de Émile Benveniste, seguido por Silva (2009), a fim de tratar do processo de significação da linguagem pela criança a partir dos planos semiótico e semântico da língua.

Caroline T. Foppa também explora da temática da aquisição da linguagem, mas sob um viés que trata da faculdade gerativa da linguagem a partir dos pressupostos da teoria chomskiana. “Sobre a aquisição e o aspecto criativo da linguagem: as respostas de Noam Chomsky aos problemas de Platão e Descartes” não só discorre sobre essa abordagem como também resgata questões de linguagem levantadas pelos filósofos mencionados no título.

Em “Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira”, Isaphi Marlene Jardim Alvarez visa a discutir as relações entre os sujeitos, língua, e o espaço no qual enunciam. A autora analisa as práticas linguísticas realizadas em entrevistas nas cidades de Livramento/Rivera e Bagé, num espaço geográfico cujo contato linguístico se dá nas línguas portuguesa e espanhola.

O texto que fecha este número, de Cristiane Fernandes Moreira, reflete sobre a língua de especialidade da comunidade de Baiacu – Vera Cruz – Bahia. O texto, intitulado “As microestruturas onomasiológicas de PESCADOR na comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia”, expõe a pesquisa que investiga os campos onomasiológicos e semasiológicos do conceito de Pescador a partir de entrevistas com pessoas que trabalham com a atividade pesqueira e também por meio de dados de dicionários.

Aline Aver Vanin (Doutoranda, Bolsista CAPES/CNPq, PUCRS)
Cristina Rörig (Doutoranda, Bolsista CNPq/CAPES, PUCRS)
Prof. Dr. Jorge Campos da Costa (PUCRS)
Organizadores do dossiê